

PARA APRECIAR PAULO RÓNAI  
E "NOTAS PARA FACILITAR A LEITURA  
DE *CAMPO GERAL* DE J. GUIMARÃES ROSA"

Charles A. Perrone<sup>1</sup>

(University of Florida)

O aspecto mais proeminente da ficção de João Guimarães Rosa (JGR) é a natureza idiossincrática da linguagem. Antes de qualquer implicação fabular, temática, ideológica, ou filosófica, o primeiro impacto em leitores de JGR ocorre com as unidades lingüísticas. Ele explora e cria palavras e combinações fraseológicas por uma série de motivos em todos os níveis – por seu teor regional; por suas particularidades semânticas ou ambigüidades; por sua beleza sonora e/ou rítmica; por sua poeticidade; por sua capacidade de gerar estranhamento; no fim das contas, pela sua potencial carga de mistério, uma potência que forma parte de uma estratégia de *travessia*, de seguir uma 'viagem ao desconhecido' (caracterização da poesia dada pelo poeta russo Maiakóvski), de tentar uma transcendência literária.

No nível imediato, contudo, a tendência natural do leitor é buscar orientar-se nos mundos imaginários de JGR, buscar sentidos para vocábulos desconhecidos e giros sintáticos nada familiares. Desde o aparecimento de *Sagarana* (1946), tem-se abordado a opulência dos idioletos rosianos e a hipótese de aportes

<sup>1</sup> O presente trabalho, consistindo nesta introdução e nas notas de Paulo Rónai que seguem, foi composto, sob urgência imprevista e inevitáveis pressões temporais, especialmente para o relançamento desta revista. Com a publicação, observa-se a assinatura de um termo de cooperação e colaboração entre o Ministério de Relações Exteriores do Estado da Flórida e o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Almeja sobretudo representar uma homenagem a um grande amigo de J. Guimarães Rosa e do país, um dos mais admiráveis homens de letras do Brasil contemporâneo, que, tendo trabalhado um só semestre na Flórida, deixou um legado duradouro. Agradecemos a Nora Tausz Rónai e a Laura Rónai pela hospitalidade e pela autorização para utilizar este material.

lexicológicos sobre os contos (ver Marques). No caso de *Corpo de baile* (1956), mais de um resenhista asseverou que seria melhor que houvesse glossários que facilitassem a leitura de tais obras, de repertório verbal tão inusitado. Rubem Braga, após enfrentar “Campo geral”, afirmou que “ajudaria muito se o livro tivesse, no fim, um vocabulário dessa linguagem de vaqueiros de Minas, para uso dos leitores de outros lados do Brasil”. Na ocasião da terceira edição (quando os títulos foram distribuídos em três volumes), Lopes (“Manuelzão e Miguilim”) se referiu a: “tipos arrancados vivos do torrão agreste do nosso ‘interland’[sic], com sua fala pitoresca, às vezes difícil de se entender, exigindo até um glossário, infelizmente omitido. Neste particular o A. faria uma excelente contribuição à sublíngua dialetal brasileira se editasse um vocabulário específico”.

A este tipo de prospecto é que se reporta o presente trabalho; revela com passo mais detido um caso insuficientemente conhecido de esforço didático – um comentário e um léxico – da parte de um amigo e assíduo leitor de JGR: Paulo Rónai (PR). Trata-se de uma apreciação de um valioso episódio de cooperação internacional, intercâmbio cultural, relacionamento pessoal e profissional entre JGR e PR, e articulação de interesses comuns intelectuais e artísticos, pois, no que se refere ao domínio das palavras, ao puro apreço delas, PR era correliogonário de JGR.

Paulo Rónai (1907 – Budapeste, Hungria - 1992 – Nova Friburgo, Brasil) desempenhou papéis múltiplos no reino das letras: doutor em filologia; professor de idiomas e literatura; crítico textual e mestre de redação; tradutor premiado; organizador de dicionários e outros livros de referência de linguagem; amante das línguas clássicas, vernáculas, (semi-) exóticas, e até artificiais. Fez inúmeras contribuições no Brasil à bibliografia, à erudição, à educação, enfim, à cultura letrada brasileira. Entre suas atividades pedagógicas e editoriais (na sua maioria em língua portuguesa) encontram-se bem conceituadas obras sobre o latim, o francês, os romances de Balzac e a prática de transferir textos de um idioma para outro, assim como uma série de traduções desde Dante até narrativa húngara. Aí reside a conexão com uma outra especi-

alidade de PR, a ficção de JGR. Este prefaciou, a pedido daquele, uma coleção de contos do país de origem do antólogo. PR opinou que o prefácio, modestamente intitulado “Pequena palavra”, constitui uma ótima prova do fascínio de JGR pela formação léxica e, mais importante, que o escrito é mais para ensaio, já que analisa o veículo de origem. JGR deu um “retrato filológico, psicológico, e poético da língua húngara” com “profundeza e exatidão”.<sup>2</sup> O mestre de Cordisburgo, por sua vez, pensava que PR era “uma das pessoas mais entendidas” nele, conforme carta de JGR a um colega embaixador. Essa confiança explica porque PR foi escolhido para organizar a edição da obra póstuma de JGR, *Estas histórias e Ave, palavra*.<sup>3</sup> Também se incumbiu de uma coletânea escolar do autor, onde menciona a experiência aqui elucidada (*Seleta* 34).

A história da transferência de PR para o Brasil merece ser recordada. Conseguiu emigrar em 1941 com a assistência do escritor modernista Rui Ribeiro Couto, diplomata na França (ver Arinos), e de JGR, cônsul adjunto em Hamburgo desde 1938. Socorreram o estudioso judeu depois que a máquina de repressão nazista o aprisionara em 1940. JGR modestamente atribui a Ribeiro Couto o auxílio prestado a PR (“Pequena palavra” xii), mas foi JGR que se notabilizou pela atuação em situações de judeus perseguidos. Um historiador americano especializado em assuntos étnicos e populações judaicas do Brasil, Jeffrey Lesser, achou louvável o excepcional desempenho de JGR neste particular, sua habilidade de driblar as limitações do sistema para admitir mais judeus (citado por Fortuna 279).

<sup>2</sup> “Teoria do estilo”. Arquivo de PR, Sítio Pois é, Nova Friburgo, RJ, onde se encontram as folhas datilografadas (numa velha Smith-Corona emprestada, ao que parece) originais.

<sup>3</sup> Vilma G. Rosa, 339. Em uma carta a Alda Bartar de 11 de maio de 1976, PR inclui 18 itens numa lista de sua “rosiana”. Até 1983, esta teria pelo menos 24 itens, conforme rol compilado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Depois que comprou o Arquivo JGR, o IEB indicou PR para escolher alguém qualificado e de confiança para organizar volumes caso descobrissem novidades publicáveis entre os papéis do escritor. Uma das pastas que JGR deixou era de recortes de/sobre PR.

O contato de PR com os escritores diplomatas se travava a partir de traduções que ele fizera de poetas brasileiros ainda durante a fase de aprendizagem da língua portuguesa por conta própria. Escreveu a Ribeiro Couto para solicitar esclarecimentos de várias expressões brasileiras. Depois deu palestras na França (onde tinha estudado) e recebeu convite do Itamaraty para dar outras no Brasil, aparentemente um jeito de realizar a verdadeira meta, a salvação através da emigração. PR naturalizou-se brasileiro em 1945, havendo sido concedida exceção do requisito normal de tempo de residência devido a suas “atividades culturais brasileiras” anteriores.<sup>4</sup> PR só descobriu o lado literário de JGR quando resenhou *Sagarana*, que acolheu com alegria e admiração.

As circunstâncias da produção destas notas sobre “Campo geral” também têm a ver com o processo de transformação de PR. Esta trajetória – em que se dedicou ao estudo do idioma, verteu versos para o húngaro, conheceu figuras diplomáticas e literárias, viajou e chegou ao Brasil para ficar – foi relatada na crônica “Como aprendi o português” (livro homônimo), de tom bastante bem-humorado considerando as razões pela mudança (que PR apenas menciona na matéria). Esta narrativa pessoal foi aproveitada por um trio de professores norte-americanos da Universidade da Flórida (UF) na segunda edição de um dos livros de ensino de língua portuguesa mais populares nos Estados Unidos. Deste *Crônicas brasileiras: nova fase* (Hower et al.) consta também um breve ensaio de orientação da autoria de PR, “Um gênero brasileiro: a crônica”, que começara como palestra na UF e foi modificado sob medida para a coletânea original.<sup>5</sup>

A associação de PR com a UF (Gainesville) se solidificou em 1967, quando atuou como professor visitante do departa-

<sup>4</sup> Continuando a saga, o Brasil rompeu relações com a Alemanha em 1942 e durante alguns meses JGR e outros do corpo diplomático foram semi-internados na Alemanha antes de serem trocados por diplomatas alemães. Por ter compartilhado estas e várias outras informações, agradeço a disponibilidade de Mary Lou Daniel (c.e.), decana dos estudos rosianos na América do Norte.

<sup>5</sup> O livro aumentado é dedicado à memória de PR e de Al Hower, que também falecera durante a feitura do volume.

mento de línguas estrangeiras da instituição. Acabou dando cursos sobre Balzac – era conveniente ser perito em assuntos duma literatura hegemônica! – e letras brasileiras, incluindo *Campo geral*. Três de seus primeiros artigos sobre a prosa de Rosa integram *Encontros com o Brasil*, exemplar do qual PR autografara para Hower quando tiveram contato em 1963. Um professor brasileiro a serviço no exterior também teve parte no plano de levar PR para a UF. Em 1964, após o golpe militar, o crítico Hécio Martins, tendo de se afastar da Universidade de Brasília, aceitou contrato oferecido pelo departamento da UF como professor de espanhol e português (Houaiss xiv), e quando surgiu a oportunidade de convidar alguém recomendou com entusiasmo PR, cuja reputação no Rio de Janeiro já estava bastante bem estabelecida. Foi durante a estadia na faculdade da Flórida que PR elaborou as notas aqui apresentadas. Contou a gênese desta tarefa em “Palavras apenas mágicas”, artigo de imprensa de 1970 (*Pois é*), portanto pouco depois de ter voltado ao Brasil e durante uma temporada de agradecimento aos hóspedes norte-americanos na qual providenciava as autorizações para a primeira edição de *Crônicas brasileiras*.

Foram citadas sugestões para que se fizesse glossário de *Corpo de baile*. PR veio, vale afirmar, atender a este pedido no que se refere a *Campo geral*. Escolheu-a para o curso da Flórida (dez aulas no total) por uma série de motivos, inclusive porque “ainda conservava mistérios, palavras ou acepções não dicionarizadas, expressões insólitas, regências novas”. Havendo muitos itens difíceis que levavam a meras conjecturas ou especulações, PR acabou mandando um questionário ao próprio JGR, que “respondeu sem demora numa carta de extrema gentileza e precisão” (“Palavras apenas mágicas” 35). A carta de explicação de termos do autor já foi publicada pela filha Vilma Guimarães Rosa (239-241). O parágrafo mais significativo da carta, o de fechamento, PR reproduziu no final da introdução destas suas “Notas” (e em *Seleto*) para sublinhar o caráter especial, polivalente, enfim, “mágico” das palavras.

PR se empenhou em elaborar este projeto para ajudar leitores jovens de *Campo Geral* no estrangeiro, e como falante não-nativo de português tinha olho para aquilo que poderia se apresentar como empecilho para estudantes de outro país ocidental. Ora, ao contrário do trecho mais comovente da carta de JGR que PR cita em suas “Notas”, nunca publicou o glossário que fez com ajuda do amigo mineiro, o qual também poderia ajudar leitores nacionais. No último dia de aula na UF, PR pediu aos alunos que escrevessem saudações ao autor num cartão postal (enviado 14-06-67), no qual o próprio professor visitante escreveu: “Quanto mais a gente convive com o Miguilim, mais lhe quer bem”. Meses depois, JGR morreu e PR assumiu a organização das obras póstumas do autor. Continuou juntando material sobre JGR e escrevendo a respeito, mas nunca finalizou uma versão do preparado sobre *Campo geral*. Cc. (carbon copy) do manuscrito datilografado ficou nos arquivos do Prof. Hower; a partir daquela cópia se trabalhou para o que aqui e agora sai à luz.

Para medir o valor do trabalho de PR, é mister contextualizá-lo. A rigor, foi das primeiras investidas lexicográficas em *Corpo de baile*. Manuel Cavalcanti Proença havia avançado por trilhas no *Grande sertão: veredas* que, por extensão, ajudam no consumo das novelas do outro volume de 1956. Em sua investigação pioneira, Mary Lou Daniel se debruça substancialmente sobre aspectos lexicais, incluindo, logicamente, os falares de “Campo geral”. Foi a publicação do livro dela – com seus múltiplos detalhes lingüísticos (cf. subtítulo da tese original) – e do de Nei Leandro Castro – com seu dicionário parcial do *Grande sertão* – que levou PR a retomar as cartas trocadas com JGR em 1967 sobre o mundo vocabular de Miguilim. Não se sabe porque PR optou por deixar na gaveta as utilíssimas folhas preparadas com bastante suor e com o auxílio epistolar do amigo diplomata. Teria sido a tristeza provocada pelo prematuro falecimento do maior escritor brasileiro do século vinte?

De 1970 para cá têm aparecido cada vez mais estudos sobre a obra de JGR sob todos os ângulos. Poucos versam especificamente sobre *Campo geral* (ver, por exemplo, a abordagem

sociogeográfica de Galvão, as abordagens acadêmicas de Brandão e Barreto). Há, naturalmente, vários assédios lingüísticos (lexicais, morfológicos, sintáticos etc.). Rocha exemplifica – com alguns itens retirados de *Campo geral* – a preocupação, sustentada por modelos técnicos e teóricos, com a criação lexical. O monumental volume de Martins, *O léxico de Guimarães Rosa*, é fruto de mais de uma década de dedicação. Destaca-se, entre outras coisas, pelo tamanho (mais de 8.000 verbetes) e pelo cuidado comparativo.

Dada essa vontade, será proveitoso considerar o que PR fez para *Campo geral* ao lado das partes pertinentes de Martins. As notas dele dividem-se em: a) resumos temáticos e de enredo – dez seqüências narrativas, uma introdutória geral e nove subdivisões, como se fossem capítulos; e b) o respectivo léxico de cada seção.<sup>6</sup> No primeiro parágrafo do texto de PR, repare-se na terceira e na quarta orações (“Criança de naturalmente transmitida”) e considere-se o expressado diante do que ele fez com a novela; as sentenças estão bem no espírito do projeto.

Do documento léxico em si constam 520 itens (em média, um pouco mais de cinco por página do volume consultado, contando com algumas repetições); daí podermos calcular que aproximadamente 10% deles provocaram inquérito na carta para JGR. PR inclui palavras, mais algumas expressões ou frases de sintaxe anormal; a grande maioria delas, se bem que pouco usuais, encontra-se em dicionários grandes. Por sua vez, Martins só se interessa em vocábulos individuais; e é indicativo de sua perspectiva o fato de ela empregar com notável freqüência a sigla ND (Não Dicionarizado). De *Campo geral* constam 230 palavras (em forma exata, ou, em poucos casos, quase exata, por exemplo, um termo derivado mas com outra função gramatical), sendo que algumas são definidas a partir de outras narrativas de JGR. Já que o campo de Martins é a obra completa dele, não se pode esperar que defina tantas coisas de *Campo geral* quanto PR. Entretanto, é surpreendente que ela só cite uma meia dúzia de palavras da rica carta de JGR a PR. Dadas as diferentes orientações, Martins usa

<sup>6</sup> O resumo se encontra, em forma condensada, nas páginas correspondentes de *Seleção*.

menos da metade do vocabulário que PR decidiu esclarecer para seus alunos nos EUA.

Os lexicógrafos têm algumas discrepâncias entre si, assim como com o próprio JGR, que de vez em quando dá explicações que destoam (será de propósito?) das que dera anteriormente a outra pessoa. A não-perfeição da concordância ilustra, pode-se dizer, as celebradas flexibilidade e maleabilidade da linguagem de JGR. Martins levou a cabo um projeto meticuloso, bastante bem documentado. PR, em compensação, dependeu mais da acurada intuição: e é difícil sua leitura falhar. Por exímio dicionarista que fosse, porém, trabalhava numa pequena cidade universitária, onde os recursos eram escassos e o número de brasileiros quase zero.

Uma voz em particular mistificou a todos. Numa das aventuras contadas por Miguilim, humanos e cães vão atrás de um animal selvagem. No meio da narração, uma frase sem verbo: “O **quirquincho** de um tatu caçado”. Martins registra como “ND. Grito/Onom”. PR conjectura também onomatopéia, levado pelo contexto a inferir som. Embora o significado literal do vocábulo emprestado seja mais simples, de fato pode-se relacioná-lo com a dimensão sonora. Esta locução não é outra coisa senão a designação do tatu em espanhol boliviano. O emprego aqui poderia sugerir também a dura casca do animal (visível para os personagens da cena), seu traço físico mais característico. No país vizinho, a caixa de ressonância do instrumento nacional, o cordofone **charango**, tradicionalmente se faz da casca do **quirquincho**. Por metonímia, o nome zoológico passa a denotar o instrumento, e, conseqüentemente, a conotar a produção de som. JGR teria aprendido esta palavra durante seu serviço consular na Colômbia ou em leitura sobre a Bolívia? Teria emigrado o curioso vocábulo desde a fronteira até partes do planalto mineiro? Seja qual for a fonte, resta a certeza de que *Campo geral* ainda poderá gerar novidades ou descobertas lexicais. A compaginação de itens identificados por PR e Martins, a confrontação das diferenças interpretativas, a observação dos usos noutros contos, mesmo da evolução no tempo, e outros exercícios ajudarão a compreender ainda mais a fundo a terminologia campeira, tanto para alunos no

estrangeiro (ver Perrone) quanto para leitores nos estados brasileiros.

PR e JGR expressaram primeira preferência afetiva por *Campo geral* no repertório do ficcionista. Em “Palavras apenas mágicas”, o articulista explica porque a obra rosiana que ele mais gosta é esse segmento de *Corpo de Baile*. É o próprio PR que cita uma carta de JGR a Mário Palmério em que o autor mineiro confessa ser a “estória de Miguilim” o de que mais gosta entre tudo quanto escreveu (*Seleta* 35). Isto talvez explique o entusiasmo com que JGR respondeu ao pedido de PR quando da elaboração destas notas lexicográficas. Lembrando um texto de João Guimarães Rosa que marcou época anteriormente, poderíamos arriscar uma declaração como “cada texto tem ‘a hora e a vez’ dele”, e dizer, no melhor sentido desta frase, que as notas de Paulo Rónai sobre *Campo geral* aqui encontram em *Matraga* a sua hora e a sua vez na continuação do destino de um escrito feito com cuidado e carinho.<sup>7</sup>

Gainesville, 30 de agosto de 2002.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARINOS Jr., Affonso. Ribeiro Couto: The Poet of Exile. *Costa e Silva*, p. 232-250.
- BARRETO, Lázaro. *Manuelzão e Miguilim*, de João Guimarães Rosa. *Duarte*, p. 348-353.
- BRAGA, Rubem. s/t. Resenha de *Corpo de baile*. *Folha da Manhã*, 13-03-1956. p. 4.

<sup>7</sup> Reproduzimos os originais de PR com a maior fidelidade possível, fora a acentuação (pré-reforma de 1971), que foi atualizada. Não se alteraram maiúsculas, pontuação, ortografia etc., com duas exceções: supriu-se o número da página 53, que faltava, e corrigiu-se a palavra funo. Contamos com a ajuda de Cristiane Joaquim da Silva, na datilografia digital.

- BRANDÃO, Maximiliano Antônio. Trabalho ocasional. *Magia em Campo Geral*. Área de Literatura Brasileira, FCL/Unesp Araraquara, 1992.
- CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Itamaraty in Brazilian Culture*. Brasília: Instituto Rio Branco-Embratel, 2001.
- COUTINHO, Eduardo. *Guimarães Rosa*. (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1983.
- DANIEL, Mary Lou. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Guimarães Rosa: A Linguistic Study*. Tese de doutorado. Universidade de Wisconsin, 1965.
- DUARTE, Lélia Parreira et al. *Veredas de Rosa* (Seminário Internacional João Guimarães Rosa 1998). Belo Horizonte, MG: CESPUC/PUC-MG, 2000.
- FORTUNA, Felipe. Guimarães Rosa, Traveler. *Costa e Silva*, 270-286.
- GALVÃO, Ana Maria. Particularidades de *Campo geral*, novela de Guimarães Rosa. *Novos estudos CEBRAP*, 38 (1994), p. 206-224.
- HOUAISS, Antonio. Qual prefácio a Hécio Martins, *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- HOWER, Alfred e Richard Preto-Rodas, *Crônicas Brasileiras*. Gainesville: University Press of Florida, 1971. (Revisada e ampliada por Preto-Rodas, Hower e Charles A. Perrone. *Crônicas Brasileiras: nova fase*, 1994)
- LESSER, Jeffrey. Welcoming the Undesirables: Brazil and the Jewish Question. Berkeley: University of California Press, 1994. (Trad., *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995)
- LOPES, Alvaro Augusto. Manuelzão e Miguilim. *A tribuna de Santos*, 6-10-1964.

- MARQUES, Oswaldino. Canto e plumagem das palavras. *Ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 77-147.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- PERRONE, Charles A. A terceira margem do diabo: a recepção norte-americana da obra de João Guimarães Rosa. *Calibán*, 2: p. 108-116, 1999.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas no grande sertão*. Rio de Janeiro: MEC, 1958.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. Guimarães Rosa e a terceira margem da criação léxica. In: MENDES, Lauro Belchior & OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. (orgs.) *A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 81-100.
- \_\_\_\_\_. Guimarães Rosa: criação lexical, bloqueio e desbloqueio. *Duarte*, p. 364-370.
- RÓNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura-Instituto Nacional do Livro, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Seleção*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. (Org. e notas a João Guimarães Rosa)
- \_\_\_\_\_. *Como aprendi português e outras aventuras*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Guimarães Rosa e sua teoria do estilo*. Manuscrito inédito.
- ROSA, João Guimarães. Pequena palavra. (prefácio 3.ed.) *Antologia do conto húngaro*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- Wolff, Frieda. *A Vida e a Obra de Paulo Rónai*. Conferência no Museu Judaico em 14-10-1999. [www.museujudaico.org.br/livros/palestras](http://www.museujudaico.org.br/livros/palestras).
- XISTO, Pedro. A busca da poesia. *Coutinho*, p. 113-141.

NOTAS PARA FACILITAR A LEITURA DE CAMPO GERAL.

DE J. GUIMARÃES ROSA

O que é narrado nesta novela é a história de um menino de oito anos, do interior do Brasil, até o momento em que é levado para a cidade afim de ali frequentar uma escola e aprender um ofício. Contada na 3ª pessoa, a história é entretanto apresentada de ponto de vista desse menino, Miguilim; o leitor percebe a realidade como é vista pelos olhos dele. Criança de forte curiosidade e sensibilidade aguda, Miguilim, em busca de respostas às muitas perguntas que lhe fervilham no íntimo, pouca orientação recebe de <sup>seu</sup> ambiente primário e tóxico. É ele mesmo que tem de interpretar o mundo com o auxílio da própria inteligência intuitiva, partindo das noções fragmentárias que lhe inculcou o meio, e de formular o sentido de suas experiências para si mesmo na linguagem concreta e colorida que lhe foi naturalmente transmitida. A maior vitória do novelista consiste em ter conseguido reconstituir o mundo íntimo de Miguilim sem inquiná-lo de noções e representações alheias à sua idade e ao seu meio, fazendo-nos sentir e ingênuo frescor de suas descobertas e os espantos que acompanham a sua penetração progressiva no universo turvo dos adultos.

A realidade projetada a nossos olhos nesta novela é o presente vivido por Miguilim a partir dos seus oito anos e que vai evoluindo com ele <sup>de</sup> diante um ano ou dois, enquanto os seus antecedentes vem sendo relatados casualmente, à guisa de reminiscências, no decorrer da narrativa e suas relações familiares são esclarecidas aos poucos através das situações a que assistimos. Evitando uma síntese retrospectiva, o Autor prefere integrar-nos progressivamente e com o máximo de naturalidade num contexto familiar, regional e social. Exige-se assim, é verdade, um esforço inicial maior da parte do leitor, mas este é compensado por um quadro de insuspeitada riqueza e intensidade da vida num cantinho perdido de Minas Gerais.

O cenário é a fazenda do Mutum, longe de qualquer centro habitado, auto-suficiente por força das circunstâncias e à sua maneira, conservadora de formas de vida e hábitos ancestrais, de métodos de trabalho primitivos, de um cerimonial sui generis, de um vetusto código de ética, de resíduos disparatados de religião e